



Mosca-branca x geminivírus em tomate no Submédio do Vale do Rio São Francisco

O Submédio do Vale do Rio São Francisco, situado nos estados da Bahia e Pernambuco, destaca-se como um dos maiores produtores de tomate para processamento industrial do Brasil, tendo sido plantados, em 1996, 8.811 ha, atingindo uma produção de 289.000 toneladas.

A irrigação, aliada às condições climáticas da região, favoreceram a expansão das lavouras de tomate, proporcionando aumentos significativos na produtividade e na qualidade dos frutos, fortalecendo assim o estabelecimento de indústrias de transformação primária de tomate na região. Entretanto, estas mesmas condições foram igualmente favoráveis ao surgimento de problemas fitossanitários, principalmente aqueles relacionados às pragas.

As primeiras populações de mosca-branca (*Bemisia* spp.) em tomateiro no Submédio do Vale do Rio São Francisco foram observadas no final de 1995 e início de 1996. Como dano direto da praga na lavoura, observou-se o amadurecimento irregular dos frutos que, internamente, apresentavam-se esbranquiçados e com aspecto esponjoso. Esta desuniformidade na maturação dificulta o reconhecimento do ponto de colheita e causa queda na produção, no preço e na qualidade da polpa, tendo se constituído, em 1996, em um dos principais problemas do tomate na região. Além desses danos, a alimentação da praga diretamente nas plantas leva à deposição de excreções açucaradas na superfície dos órgãos atacados, favorecendo o crescimento de fumagina, que mancha os frutos e reduz a área fotossintética das folhas.

De outubro a dezembro de 1996, observaram-se os primeiros sintomas de geminivirose, dano indireto causado pela mosca-branca, em plantios de tomate do Projeto de Irrigação Senador Nilo Coelho, no município de Petrolina (PE). Nestas áreas, plantas com até 50 dias após o transplante apresentavam severa infecção por geminivírus, com incidência de 100%. Em 1997, constatou-se um rápido aumento de geminivirose em tomate, tendo sido detectada sua ocorrência em oito municípios da Bahia e também em oito municípios de Pernambuco, com incidência e perdas na produção de até 100%. Entre os sintomas causados por geminivírus, os mais comuns foram paralisação do crescimento das plantas; folíolos pequenos, encarquilhados, coriáceos, com bordos voltados para cima e apresentando sintomas de mosaico; redução da floração e da produção e baixa qualidade dos frutos.

O aumento na incidência de geminivirose em tomateiro no Submédio do Vale do Rio São Francisco vem sendo motivo de grande preocupação para os órgãos de pesquisa e para os setores produtivo e empresarial, que tentam minimizar os prejuízos devidos à virose e, consequentemente, reduzir o impacto que as perdas poderão trazer, considerando, além do aspecto econômico, a importância social que as lavouras de tomate possuem para a região, pelo grande número de empregos diretos e indiretos gerados. Devido à falta de cultivares resistentes e à dificuldade de controle da mosca-branca, atualmente as geminivirose constituem-se no principal problema de cultivo do tomate, podendo comprometer o futuro desta olerícola no Submédio do Vale do Rio São Francisco.

O mapeamento da incidência de geminivírus em tomate e em plantas daninhas que atuam como hospedeiras do vírus, além das estratégias de manejo integrado da mosca-branca e a avaliação de genótipos de tomateiro para resistência às geminivirose são linhas de pesquisa que estão sendo desenvolvidas pela Embrapa Semi-Árido, Embrapa Hortaliças, Embrapa Recursos Genéticos e Biotecnologia, Embrapa Agricultura Tropical, Embrapa Meio-Norte, IPA, COEX e FAMESF.

(**Mirtes F. Lima; Francisca Nemauro P. Haji, Eng^{as} Agr^{as}, pesquisadoras da Embrapa Semi-Árido**)